

**LEITURAS DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA NA LITERATURA PÓS-64 DA
AMAZÔNIA PARAENSE: OU VICE-VERSA**

Abilio Pacheco de Souza (UNICAMP)

Márcio Seligmann-Silva (UNICAMP)

RESUMO:

Como um espaço alijado das demandas e das reflexões em termos de nacionalidade e praticamente lida restritamente nas discussões sobre regionalismo, a Amazônia precisa ser entendida para além das características estereotipadas. No contexto da história brasileira recente, os autores da região também pouco são estudados e muitas vezes são citados apenas em passant no que se refere aos estudos sobre a representação estética da ditadura brasileira de 1964. Qualquer estudioso de literatura brasileira contemporânea que busque a produção literária da região neste recorte temático específico fica frustrado ao abrir as leituras já clássicas sobre o período e malmente se sentirá contemplado com a leitura do brasilinista Malcolm Siverman. Neste artigo, após apontar a lacuna contida nas leituras feitas sobre a produção literária do período no que se refere a representação da ditadura militar na Amazônia, procuraremos nos detender na produção literária paraense, observando os aspectos imanentes às obras e esboçando questões sobre a vida social das mesmas: a participação política de autores antes ou depois da publicação, as possíveis repercussões político-sociais das obras. Como parte de um exercício de inserção dos autores neste contexto amplo, embora tematicamente específico, procuraremos brevemente apontar leituras sobre a ditadura em narrativas ficcionais de autores contemporâneos da Amazônia paraense, a saber: nos romances, *Verdevagomundo*, de Benedicto Monteiro; *Café Central*, de João de Jesus Paes Loureiro; *Em Despropósito*, de Abilio Pacheco; e no conto, “O fantasma da Casa Azul”, de Janailson Macedo.

Palavras chave: literatura da Amazônia paraense. Ditadura militar na Amazônia. Literatura de resistência.

0.

Em um livro escrito e publicado no “calor da hora” e que o historiador Carlos Fico (2008) classificou como “livro de denúncias”, Edmar Morel (1965) aponta seis frentes de ataque ao governo de João Goulart e que teriam culminado no Golpe. Tais frentes se referem à forte oposição a reformas de base (com ênfase na reforma agrária), à política brasileira em relação às refinarias de petróleo e culmina na significativa

participação Yanque (na atuação personalíssima do embaixador Lincoln Gordon). Não à toa, o livro de Morel se intitula “O golpe nasceu em Washington”. Jacob Gorender, entretanto, ao analisar o papel das esquerdas brasileiras e a articulação política de direita, observa o quanto o “ovo da serpente” foi chocado aqui mesmo. Na insatisfação dos setores reacionários da sociedade civil: empresariado reativo a conquistas sociais dos trabalhadores, proprietários rurais receosos de perder terras, classe média insatisfeita com as conquistas e com o trânsito social das classes menos favorecidas... (GORENDER, 1987)

O golpe ocorre após um significativo trabalho preparatório que consistia na instauração do medo e da construção de um inimigo interno a ser derrotado (no caso, o Comunismo) e foi reforçado pelas manifestações de rua por Deus e pela Família e um maçante e persistente trabalho da imprensa. Os relatos testemunhais (literários ou memorialísticos) bem como estudos desenvolvidos na região (Velarde & Pere Petit, 2012; Pacheco & Velarde, 2014), nos mostram que o quadro geral do prelúdio do Golpe não foi diferente na Amazônia Paraense. Um episódio, entretanto, merece destaque. A noite dos “lenços brancos”.

No dia 30 de março de 1964, durante a realização do I SLARDES (I Seminário Latino Americano de Reforma do Ensino Superior), na Faculdade de Odontologia, da UFPA, um grupo de estudantes de direito, combinados antecipadamente com a Polícia Militar e portando porretes, provocaram uma briga generalizada. Os PMs, ao chegarem, espancaram e prenderam os estudantes de esquerda, pois o grupo de direita para que fossem identificados, utilizava “lenços brancos” no pescoço. Na ocasião, além de prender os estudantes de esquerda, a polícia militar apreendeu e destruiu todos os exemplares que encontrou do livro de poemas *Tarefa*, do então estudante de Direito João de Jesus Paes Loureiro. O livro, que apresenta poemas com temática social semelhante à poesia Praxis de Mário Chamie, seria lançado dois depois. (Velarde, 2012, passim). Apesar desse episódio sugerir o contrário, o governo Paraense só indicou apoio à “revolução” na noite do dia 1º de Abril, quando a situação no Centro-Sul já estava relativamente definida. A escolha pelo lado vitorioso foi bastante cômoda ao governo de Aurélio do Carmo (conforme Amílcar Tupiassu, apud Pere Petit, 2012, pág. 172) e deu início a um período de perseguições políticas, perdas de mandatos de deputados, prisões arbitrárias, torturas, mortes e desaparecimentos.

Daí para diante é a História que nós não tão bem conhecemos. Conhecemos apenas um enorme esboço. O grosso da coisa. Amiudadamente ainda se há muito o que

fazer. O Historiador trabalha quase como o Arqueólogo: explorando no máximo 10% da caverna. Este para que futuros Arqueólogos com novas teorias, métodos, técnicas e equipamentos possam melhor explorar a caverna. Aquele por que nunca lhe é possível dar conta da caverna inteira, ou seja, da matéria histórica. Na região amazônica, outros tantos motivos existem para que essa matéria nunca seja abrangida. O insulamento, a escassez de pesquisa (pouco a pouco sanada) e a onipresença da violência tanto policialesca nas áreas urbanas quanto dos poderes oligárquicos e políticos nas zonas rurais e mesmo nas áreas urbanas do interior ainda impedem essa abrangência.

Qualquer pesquisador que se dedique sobre a Literatura Brasileira pós-64, se dará conta que mesmo os trabalhos generalistas sobre o assunto: ou apresentam uma completa omissão sobre a região (Flora Sussekind, 1985), ou a apresentam a região como um apêndice da questão nacional dedicando a literatura produzida aqui apenas três ou quatro linhas (Silviano Santiago, 1988), ou comentem equívocos interpretativos em complexidade variada desde alguns simples equívocos de leitura geográfica (Malcolm Silverman, 2000; o autor confunde a Rodovia Transamazônica com a Perimetral Norte na análise que faz dos romances de Benedicto Monteiro). E como é preciso pensar no mapeamento da questão também observando a periferia da periferia, ressaltamos o fato de que mesmo as pesquisas realizadas na Amazônia Paraense dedicadas à produção literária do período (ou mesmo posterior, mas contextualizada no período), se detêm nas obras das capitais dos principais estados da região (Pará e Amazonas) ou de autores do interior com algum vínculo com essas capitais (em geral residindo nelas). A pesquisa acadêmica sobre produção literária do interior da Amazônia Paraense (sobretudo das regiões de Tapajós e do Carajás) ainda é escassa e quem sabe os cursos de Letras das universidades recém fundadas nesta região ainda atuem com vistas a suprir esta lacuna.

Nesta comunicação, iremos nos dedicar à breve leitura da Ditadura Militar nos romances *Verde Vagomundo*, de Benedicto Monteiro, publicado pela primeira vez em 1972, ambientalizado na cidade de Alenquer, e que faz parte do corpus de minha pesquisa de doutoramento; *Café Central*, de João de Jesus Paes Loureiro, publicado em 2011, ambientalizado parcialmente em Belém e parcialmente em Abaetetuba e outras localidades circunvizinhas. *Em Despropósito (mixórdia)*, de Abilio Pacheco, publicado em 2013, sobre o qual nos me deterei um pouco menos, e cujo enredo se passa principalmente nas áreas urbanas dos municípios de Marabá e Belém. Encerrando com

o conto “O fantasma da casa Azul”, que abre o livro *Crônicas do Araguaia* de Janailson Macêdo, publicado em 2015.

1. Dos romances

Verde Vagomundo, de Benedicto Monteiro, publicado em primeira edição em 1972, é o primeiro livro de sua Tetralogia Amazônica, cujos três primeiros livros se apresentam basicamente com dois narradores distintos. Um narrador culto urbano que é substituído a cada romance e um narrador com registro coloquial, chamado Miguel dos Santos Prazeres. O quarto romance é constituído pelas falas desse narrador “caboclo”, transcrita dos três romances anteriores. Além das falas desses dois narradores em contracantos, como assim nos referimos em comunicação apresentada no XIV Encontro da ABRALIC (PACHECO, 2014), neste primeiro romance temos transcrições de notícias de rádio, as transcrições de falas de personagens através do expediente de ter o narrador culto um gravador automático sempre consigo, a inserção de um texto escrito pelo secretário da prefeitura de Alenquer, e transcrições de depoimentos realizados por um Inquérito Policial Militar.

O narrador que funciona como ordenador dos demais elementos da narrativa – e que muitas vezes é considerado o narrador principal – é o narrador culto urbano. Ele é um major Antonio Medeiros, um militar aposentado que retorna a Alenquer com a finalidade de vender suas terras. A narrativa não apresenta datas precisas, mas as transcrições da rádio transistor nos possibilitam determinar que as ações iniciam pouco antes de junho de 63, quando o astronauta russo Bykovsky embarca na Vostok V; e se estendem até o último dia da novena de Santo Antonio, muito embora haja um registro da lei 4390 de 29/08/1964, que revogou ou alterou a lei referente à remessa de lucros para o exterior.

A realização da festa de Santo Antonio e a ocorrência do golpe militar de 1964, nesse ínterim, são determinantes para o andamento da narrativa, pois devido ao golpe se militares chegam à cidade de Alenquer e instalam Inquérito Policiais Militares, com a finalidade de, segundo relata um dos militares ao narrador, colaborar com os alto-comandos das capitais a fim de “salvar o País, do caos e do comunismo” (Monteiro, 1974, pág. 180). A comissão também se envolve em problemas políticos e criminais locais. Ao serem chamados para depor, os populares, tendo pouca ou nenhuma noção do que ocorria no país, apresentavam declarações que complicam outros populares, alguns

resolvem mentir, desferrando picuinhas pessoais e resultando em prisões nem sempre explicáveis.

A partir desses depoimentos os militares, instituídos como maior autoridade na cidade, proíbem a queima de fogos para Santo Antonio e emitem um mandato de prisão contra Miguel dos Santos Prazeres, tido como elemento perigoso e subversivo e que seria o pirotécnico oficial da festa. Miguel, entretanto, já havia armado fogos para nove noites pois tinha prometido gastar todo o dinheiro deixado por seu padrinho nordestino a fim de que ele, Miguel, se tornasse o maior cangaceiro ou justiceiro da Amazônia. A queima de fogos era uma forma de quebrar esta má sina.

O narrador Major Antonio Medeiros assiste a tudo incrédulo e pontuando a narrativa de reflexões sobre questões políticas no contexto da Guerra Fria, como a Aliança Nacional para o Progresso, questões históricas relacionadas a outros golpes militares, como o que elevou Vargas ao poder, mas também reflexões sobre seu trabalho de militar e sua participação na Comissão Militar para a Reforma Agrário, além da história de um deputado que fora deposto e que tinha relação com a maioria das prisões da cidade.

Na véspera do Círio, este narrador registra que ocorre a dissolução dos direitos básicos da cidade e de seus cidadãos:

Vejo, como diante da força, representada aqui por três oficiais militares, eventualmente investidos de atribuições policiais, se dissolvem todas as instituições jurídicas, políticas e sociais da nossa República. Se dissolve a mínima estrutura da cidade (MONTEIRO, 1997, p. 204).

* * *

Café Central, de João de Jesus Paes Loureiro, publicado em 2011, é o único romance do autor publicado até o momento. Paes Loureiro, que se notabilizou internacionalmente como poeta e é autor de uma peça de teatro, intitulada a *Ilha da Ira*, significativa para reflexão da realidade pós-64, narra no romance o que se passou na sua vida nos últimos dias de março e nos dias seguintes ao golpe civil-militar, a apreensão dos exemplares de seu livro *Tarefa*, seu esconderijo no Café Central e na residência-prostíbulo de Madame Naty, seguidos de seu retorno para Abaetetuba para esconder-se na casa de seu tio e depois sua decisão de retornar para Belém. As páginas finais são dedicadas à narrativa de sua prisão no retorno na ilha da Pacoca, quando retornava a

Belém e a passagem por “sucessivas prisões em Belém”, dentre elas a Quinta Companhia da Guardas (onde hoje funciona um ponto Turístico, A casa das Onze Janelas). Nestas páginas narra também a viagem para o Rio, onde ficou preso no CENIMAR, Centro de Informações da Marinha, na Praça Mauá, e seu retorno liberto à Belém. O romance inicia com o autor-narrador escondido confinado no Café Central, observando os espelhos e termina com o mesmo Paes Loureiro caminhando nos escombros do mesmo prédio que logo seria destruído. Amarrando as duas pontas da narrativa, uma frase auto-parafraseada que se repete nos capítulos iniciais, demarca também o fim da narrativa. “Aquilo que era, aquilo que é, aquilo que teria sido, aos poucos foi girando em torno à sala” (2011, p. 379). Embora nele coincidam o nome do narrador, protagonista e do autor, não se trata de uma autobiografia, mas de um romance com laivos de autoficção.

O romance é dividido em quatro partes e apenas a primeira intitulada “No Café Central” e os quatro capítulos finais a partir da página 368 apresentam material narrativo claramente tematizando eventos relacionados à experiência direta sobre o Golpe de 64. Tudo o mais é expectativa e tensão em suspenso sem que uma intensidade dramática exploda nos olhos do leitor. O narrador personagem dedica a maior parte do romance a contar o trajeto da viagem para Belém, o retorno para casa e a nova ida à Belém entremeando narrativas e relatos de ribeirinhos sobre mitos e lendas da região, conflitos políticos locais que não reverberam a tensão nacional, relatos que indiciam a força do patriarcalismo da região, casos regionais (como do homem mudiado – enfeitado – que se amasiou com uma fêmea de boto e do pai que fazia sexo com a filha dentro de casa), idílios amorosos – muitos idílios amorosos do narrador... Não que isso seja um demérito do romance. O ritmo do rio e a atemporalidade dos mitos parecem consoante à apatia e ao sentimento de impotência que dominou a esquerda imediatamente após o golpe.

Todas essas histórias formam como um fractal a imagem do homem da região vivendo num mundo de mitos e lendas e com suas atenções voltadas principalmente para os problemas locais. Assim, o narrador que nas duas primeiras partes está confinado no Café Central e no prostíbulo de Madame Naty, vive, em seu retorno forçado para o interior do estado, um exílio involuntário. Da mesma forma como ocorreu com Benedicto Monteiro, aqui também a força do Estado se faz presente destoando da realidade regional. E – quebrando esse fractal de lendas e mitos, patriarcalismo, incesto e problemas políticos locais, como um espectro difuso entre

batelões e embarcações a remo – uma corveta da Marinha emerge da fala dos personagens para prender o narrador, no momento em que este estava entre o mítico e o real na Ilha da Pacoca tentando desenterrar a cidade mítica de Abaetetuba sobre a qual tantos moradores falaram existir.

* * *

Em Despropósito (mixórdia) não é um romance contextualizado na época da Ditadura Militar, mas sim no ano de 1996 e tem como pano de fundo o Massacre dos Trabalhadores Rurais Sem Terra a 100 km de Marabá – massacre do qual resultaram 19 mortos numa lista de nomes que foi “só mostragem [...] para jornal e História” (PACHECO, 2013, p. 81). O narrador é um filho bastardo de fazendeiro que desgostoso de sua história de vida, vai para Marabá trabalhar com servente (auxiliar) de pedreiro, faz o segundo grau com bastante dificuldade e se torna representante comercial e termina o romance aposentado por invalidez mas iniciando a trabalhar como taxista. Seu principal problema existencial se refere às histórias que giram em torno de seu pai. Um fazendeiro poderoso e politicamente influente que violentava mulheres e as marcava a ferro de marcar boi. Geralmente filhas ou esposas de agregados ou pequenos agricultores que lhe deviam algum dinheiro. São constantes no romance a violência no campo, os julgamentos, o conluio político entre poderosos mas também uma onisciência da violência nas falas de parcela da população (taxistas, trabalhadores braçais, ex-militares) desejosos de um retorno da “redentora” nos lugares por onde passa o narrador nas cidades de Belém e Marabá.

Quando está em Belém a trabalho, poucos dias após o Massacre de Eldorado, o narrador fica emperrado no trânsito por causa de uma manifestação. O taxista, que é ex-militar, fazia comentários sobre a ação policial ocorrida em Eldorado, “dizia ter sido bem feito, [...] eles aprendessem a não mexer no alheio...” (pág. 36). O narrador declara ficar calado por não ter nenhuma opinião, por não se importar com nada daquilo que ocorria. O taxista continua falando. Alega que se fosse no “seu tempo”, não haveria manifestação e não haveria manifestação alguma em Belém e justifica explicando a estratégia de ação silenciosa praticada na época. “Muito à surdina tudo se resolvia. Havia o que havia – o senhor sabe – mas em muitos casos não fazíamos espetáculo,

éramos discretos. A paz e a ordem pública deve ser como uma bela renda, vista feita mas bordada em bastidor” (pág. 36)

Em outro momento do romance, o narrador está hospitalizado em Marabá e vez por outra um casal de velhinhos entra para visitá-lo. O senhor também era militar aposentado e gostava de contar causos “daquele tempo” e explicou ao narrador sua principal ocupação no exército. Muitos jovens recrutas eram contra a ditadura ou a favor do socialismo (“doutrinados” é um termo corrente hoje, mas não tão usual na época) e fugiam do quartel. Ele então tinha a tarefa de resgatar esses desertores. Como afirma o narrador, ele “era uma espécie de capitão do mato” (p. 70). Quando encontrava o jovem “insubordinado”, ele oferecia a oportunidade do recruta se entregar voluntariamente para servir a pátria ou ser expulso por desonra ou seria assassinado, opção que declara de modo sorrateiro “ou sua mãe [...] receberia uma bandeira com as condolências pelo filho ter morrido no exercício do dever” (p. 70).

A exemplos desses dois fragmentos, podemos observar como o romance possibilita a leitura da existência de uma atmosfera de violência e silenciamentos na região como uma continuidade ou resquícios do período ditatorial na região. A onipresença do mal que subjaz a história pessoal do narrador atravessa a narrativa ligando os tempos da história do Brasil ignorando divisores cronológicos como se não houvesse ocorrido nenhum processo de transição democrática que pudesse ser sentido no dia a dia da região, sobretudo nas cidades do interior e nas zonas rurais.

* * *

“O Fantasma da Casa Azul” é o conto que abre o livro intitulado *Crônicas do Araguaia*, o livro apresenta uma sequência de narrativas sobre a região, especialmente relacionadas com os acontecimentos ligados a Guerrilha do Araguaia, conforme podemos ler numa observação em seu pórtico. Vale destacar que o livro foi publicado após ter sido contemplado com o Prêmio da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Seu autor, Janailson Macêdo, é professor de História e tem estudos sobre a Guerrilha, tendo participado das visitas da Comissão da Verdade na região, inclusive no espaço onde se desenvolve a ação do conto e de boa parte das demais narrativas do livro.

O conto “O fantasma da Casa Azul” narra a visita que um ex-militante da Guerrilha do Araguaia faz juntamente com uma equipe que grava um documentário a

um dos locais de tortura da ditadura militar em Marabá. Para a Casa Azul eram levadas pessoas presas acusadas de algum tipo de ligação com os guerrilheiros, a maioria dessas pessoas pequenos agricultores, colonos e mateiros – cuja ciência da operação guerrilheira era apenas difusa.

O protagonista ao chegar ao prédio onde hoje funciona o DNIT (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes) ouve algumas vozes vindas de sua memória. Em meio a um clima insólito ou fantástico, ele trava um diálogo com um ex-torturador que está ali com a intenção de “lembrá-lo de continuar esquecido de algumas coisas. Alguns nomes. De gente que continua por aí e não quer ser incomodada com coisas do passado” (MACEDO, 2015, p. 15). Afirma ainda o espectro que na região “a lei da selva é invertida: quando curió canta, gavião levanta voo e vai embora, de bico fechado” (idem, p. 16) Temos aqui uma referência ao, hoje, coronel da reserva Sebastião Rodrigues Moura, que desde antes da Guerrilha do Araguaia é conhecido como Major Curio. No fragmento, a alusão não é direta ao militar mas funciona como metonímia ou hiperonímia para a origem da violência ou silenciamentos na região.

Depois que o fantasma se esvai, o protagonista chama a filha pois está pálido e sentindo-se mal. Em sua cabeça passa ligeiramente uma frase “alguns fantasmas estão mais vivos que a gente” (idem, p. 16).

O conto, o diálogo com o fantasma da Casa Azul e desfecho da narrativa em aberto revelam um dos principais problemas da região ou micro-região do sul-sudeste do Pará: os silenciamentos forçados por mortes ou por ameaças. Se o trabalho de resgate da memória da Ditadura Militar no Brasil não é uma tarefa fácil, mais difícil ainda se torna nesta região, ainda marcada por uma estrutura patriarcal, com fortes marcas de coronelismo e de pistolagem.

Por fim, a leitura do conto nos faz lembrar de algo muito importante quando se pensa em políticas de memória no Brasil. Enquanto alguns centros de tortura da ditadura militar se transformaram em centros de memória (a exemplo do Memorial da Resistência em São Paulo), em todo o Norte Nordeste – mesmo com os esforços nacionais e locais para que sejam ou fossem instalados – e em toda a Região Amazônica não há um único sequer.

X.

Escritas, publicadas e contextualizadas em momentos diferentes da história brasileira recente, essas quatro narrativas produzidas na Amazônia Paraense apresentando as perambulações de seus narradores no espaço geográfico do estado - embora em parte nas narrativas de Paes Loureiro e de Pacheco também pela capital paraense – formam em alguma medida um painel da representação da ditadura Civil Militar em espaços do interior do estado. Alenquer, Abaetetuba (e localidades vizinhas) e Marabá são os espaços onde transitam esses narradores e refletem seja sobre a ditadura recém instalada (mesmo em romances escritos posteriormente) seja sobre a onipresença da violência mesmo pós-ditadura.

Enquanto os romances de Benedicto Monteiro e Paes Loureiro capturam em alguma medida o clima do imediato pós-64 e seus processos de perseguição, prisão e violência, nas cidades de Alenquer e Abaetetuba, o romance de Pacheco e o conto de Macêdo, nos dão conta da continuidade da violência “herdeira” da ditadura neste nosso processo de transição democrática inacabada. Nestas narrativas, especialmente no conto de Macêdo é possível observar o quanto os processos de silenciamento ainda perduram na região.

REFERÊNCIAS

- FICO, Carlos. **O grande irmão: da Operação *Brother Sam* aos anos de chumbo**. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas**. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. 2.ed. São Paulo: Ática, 1987.
- MACÊDO, Janailson. “O fantasma da casa Azul”. In: _____. **Crônicas do Araguaia**, Marabá: Ed. do Autor, 2015.
- MONTEIRO, Benedicto. **Verde Vagomundo**, Belém: Cejup, 1974.
- MOREL, Edmar. **O golpe começou em Washington**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

- PACHECO, Abilio. “Contra-contos em (des)encontro: a demanda pelo protagonista como resistência e construção de si em *A terceira margem* de Benedicto Monteiro”. Anais Eletrônicos do XIV Encontro da ABRALIC. ISSN: 2317-157X.
- PACHECO, Abilio. **Em Despropósito (mixórdia)**. Belém, Literacidade. 2013.
- PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Café central: o tempo submerso nos espelhos**. São Paulo: Escrituras, 2011.
- PETIT, Pere; VELARDE, Jaime Cuéllar. “O golpe de 1964 e a instauração da Ditadura Civil-Militar no Pará: apoios e resistências”. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 25, 2012, pp. 169-189.
- SANTIAGO, Silviano. “Poder e alegria: a literatura brasileira pós-64 – reflexões”. In: _____. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 11-23.
- SILVERMAN, Malcolm. **Protesto e o novo romance brasileiro**. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SUSSEKIND, Flora. **Literatura e Vida Literária**. Polêmicas, diários & retratos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- VELARDE, Jaime Cuellar; PACHECO, Agenor Sarraf. **Quando a memória traduz sentimentos: Narrativas da Ditadura Civil-Militar na Amazônia Paraense (1964-85)**. Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online), v. 6, p. 187-219, 2014.
- VELARDE, Jaime Cuéllar. **No Crepúsculo: memórias subversivas da ditadura Civil-Militar na Amazônia Paraense (1964-85)**. Dissertação de Mestrado. Universidade da Amazônia (Unama). Belém-PA. 2012.